

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino
Cleuma Sueli Santos Suto
Dejeane de Oliveira Silva
José Andrade Almeida Junior
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho
Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva
Francielle Pereira Santos
Ludmila Nunes Mourão
Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Nívia Madja dos Santos
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS

Eduardo da Silva

Universidade Federal do Paraná
Curitiba – Paraná

Marlene Tamanini

Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Paraná

RESUMO: Este texto é parte da dissertação de mestrado do primeiro autor defendida no programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. Trata-se da análise de aspectos da experiência de cuidado por mulheres acompanhantes (ou ainda acompanhantes-cuidadoras) de pacientes oncológicos. Para tal, fez-se observação participante no pátio do Hospital Erasto Gaertner, em Curitiba. Aspectos deste observar formaram um rol reflexivo anotado em diário de campo. Neste diário relatou-se o ambiente do pátio, como eram as relações de espera, as conversas entre as pessoas, as idas e vindas para dentro e para fora do hospital, o tempo de permanência, as preocupações denotadas nos olhares, no modo de sentar-se e falar e nas entrevistas semiestruturadas. Este campo permite pensar o sofrimento em face a uma doença crônica, como ele atinge amigos e familiares e quem está envolvido na decisão de cuidar. E sobremaneira, como ele atinge as mulheres que são a maioria no universo de acompanhantes-cuidadoras de doentes

com câncer. Suas rotinas são dispendiosas e reorganizadas para que consigam oferecer auxílio àqueles que, agora, vivem a experiência da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Câncer. Cuidado. Gênero. Trabalho.

CARE EXPERIENCES FACED BY FEMALE CAREGIVERS OF ONCOLOGY PATIENTS

ABSTRACT: This article is part of the Master's thesis defended by the Eduardo da Silva in the Postgraduate Program in Sociology of the Federal University of Paraná (UFPR) under the guidance of Prof. Marlene Tamanini. It is an analysis of aspects of care experiences faced by female caregivers (or *she-companion caregivers*) of oncology patients. For this purpose, the participant observation method was used, being conducted in the courtyard of the Hospital Erasto Gaertner in Curitiba, Brazil. Aspects of this observation have produced an array of reflections which were annotated in a field diary. These notes report situations such as the atmosphere of the courtyard, how the waiting relations were, the conversations, the goings and comings to the inside and the outside of the hospital, the length-of-stay, the preoccupations revealed by the glances, the way one sits and speaks and, finally, the results of semi-structured interviews. The courtyard

space allows for the understanding of someone's suffering when faced by a chronic disease, how it affects friends, relatives and those involved in the decision of caring. Above all, how this suffering affects women, who are the majority in the domain of companion caregivers of cancer patients. In conclusion, the daily routines of these women are demanding and must be re-organized in order for them to be able to offer assistance to those who, now, live the experience of the disease.

KEYWORDS: Cancer. Care. Gender. Work.

1 | INTRODUÇÃO

Falar das experiências de cuidado vividas por mulheres acompanhantes de pacientes oncológicos é dar visibilidade a um trabalho frequentemente esquecido, colocado na ordem do dever e da obrigação e que envolve complexos processos de subjetivação por parte das cuidadoras e/ou das acompanhantes. Considere-se igualmente que as perspectivas teóricas do cuidado não dizem respeito só aos desafios do cuidar e do democratizar essas relações, quando elas são necessárias e são vividas junto aos doentes.

No que pese à grande tradição, neste campo de práticas, envolvendo relações entre cuidadoras e cuidadores e/ou acompanhantes de doentes, ou de crianças, ou de situações vulneráveis, o trabalho de cuidar é quase sempre e exclusivamente feminino, em qualquer que seja o campo.

Cuidar exige recursos emocionais, físicos, geracionais, ambientais, financeiros, dentre muitos outros, e recursos que são quase sempre extraídos a partir das mulheres no interior de uma família, ou de mulheres sozinhas que trabalham como cuidadoras. Não há instituições suficientes, públicas e acessíveis, e o cuidado não está democratizado em termos de relações de gênero para algum dos seus contextos.

Como campo heurístico, o tema traz aspectos de grande complexidade, e faz-se necessário considerar que, para cada contexto de relações, o desafio atrelado ao cuidado muda radicalmente. Mulheres, obrigação, vulnerabilidades, necessidades afetivas e emocionais, subjetividades, culpa, religião, são parte das dinâmicas que compõem muitos dos conteúdos do cuidado. A falta de políticas públicas denota um dos maiores e mais exigentes desafios à superação das desigualdades engendradas nas relações do cuidar.

Ao propor um texto que tem como preocupação compreender as narrativas das acompanhantes/cuidadoras dos doentes de câncer e focado no modo como elas percebem e vivem a prática do cuidado, como elas enxergam os que são cuidados, faz-se necessário levar em conta que as narrativas desta experiência podem visibilizar necessidades e desafios específicos para o cuidado. Muitos deles são relativos a habilidades, políticas, técnicas, conhecimento, valores, e outros são relativos a aspectos administrativos, financeiros, a obrigações e ou sentimentos e promessas

sobre o cuidar feitas em situação de parentesco ou filiação.

Problematizar a gendrição da prática do cuidado, envolve, portanto, inserir sua discussão também no tema da doença coletiva, do diagnóstico e da possibilidade de cura ou não. Trata-se de acompanhar a doença com certo número de atividades e de práticas, tanto corporais, quanto de disposição afetiva e emocional, que desafia a pessoa que cuida a se preocupar de alguém com atenção e escuta.

O cuidado existe como experiência humana e está no interior de um discurso, de um certo número de normas e regras, mas muitas vezes diz respeito também à vida de quem se envolve com seu estudo, na qualidade de pesquisá-lo. Este texto tem a marca de um vivido pessoal que também demarcou a escolha do tema da dissertação por parte do primeiro autor. Foi no contato mais imediato com sua família materna, residente em uma cidade de médio porte na região noroeste do Paraná, que ele definiu o tema da dissertação e seu interesse em estudar o cuidado.

Em um período aproximado de dez anos, sua família teve cinco casos de câncer, os quais resultaram nas mortes de três das cinco pessoas que adoeceram. Além disso, a dedicação exaustiva de sua família, composta majoritariamente por mulheres, ao cuidado de crianças, de enfermos (jovens ou idosos), e de suas casas, e suas conseqüentes reclamações sobre a desvalorização de suas tarefas, forjaram a problematização acerca de um cuidado gendricado e a preocupação em pensar alternativas para a valorização social de suas práticas.

Dito isto, enfatizamos que este escrito está dividido em três momentos importantes. Nesta seção inicial, apresentam-se a leitores e leitoras o contexto da pesquisa e um vislumbre geral do texto. Num segundo momento do desenvolvimento, apontam-se o método e as técnicas adotadas e uma ligeira discussão dos estudos do cuidado, principalmente de teóricos como Ângelo Soares (2012), Carol Gilligan (1982), Joan Tronto (1997, 2007), Pascale Molinier (2012) e Rachel Salazar Parreñas (2012). Também tomamos as falas de cinco acompanhantes/cuidadoras – Bárbara, Beatriz, Glauce, Nicole e Pâmela – com o intuito de, posteriormente, preencher um pouco as lacunas deixadas pelas questões que abriram este texto. Finalmente, em breve seção de fechamento, retomamos alguns dos principais apontamentos concernentes à pesquisa.

2 | CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para o desdobramento deste material de pesquisa, tomamos como local de análise, uma parte específica do pátio do Hospital Erasto Gaertner, também conhecido como “hospital do câncer”, em Curitiba. A parte específica à qual nos referimos é constituída por uma ampla área verde, com árvores, bancos e gramado. Nesta área foi possível acessar todo tipo de pessoa – acompanhantes/cuidadoras, doentes, meros transeuntes e outros mais. A experimentação deste espaço não era

exatamente uma novidade para o primeiro autor, pois ele já havia realizado campo de pesquisa neste lugar para sua monografia de graduação, defendida em 2015. E ele havia desenvolvido observações neste local, entre o fim de 2012 e meados de 2014, um trabalho baseado em entrevistas e observação.

Neste primeiro campo, com a execução da observação para fins monográficos, ele percebeu que havia outras entradas possíveis; o pátio era, por exemplo, um lugar de espera, de introspecção e de sociabilidades, o oposto ocorria no interior do hospital. O último seria um lugar mais nobre, um espaço de luta, em que as moléstias seriam exorcizadas. Com o desenrolar do trabalho de campo (principalmente, o atual do mestrado), percebeu-se o quão equivocado seria classificar deste modo tais espaços. Com efeito, a luta e a espera mostravam-se presentes nos dois contextos e marcavam as vivências de todos aqueles que experienciavam o câncer como uma “doença coletiva”.

O termo “doença coletiva” foi usado na monografia para assinalar um adoecimento conjunto (ou seja, encarado por enfermos e a comunidade mais imediata), construído por uma doença percebida como sinônimo de morte. A “doença coletiva” não é como uma patologia compartilhada, é como uma circunstância que faz adoecer espiritual e fisicamente aqueles que possuem posição imediata em relação ao indivíduo enfermo. De fato, a manifestação do câncer fazia irromper em outrem distúrbios alimentares, doenças mentais e privações de sono, a título de exemplo.

Como parte de uma compreensão qualitativa, o trabalho de campo tendo como foco as acompanhantes/cuidadoras começou em fevereiro de 2018 e terminou em julho do mesmo ano. Como definem Jean-Pierre Deslauriers e Michele Kérisit (2008), a pesquisa qualitativa apreende dados que não são mensuráveis, tais como uma representação, uma opinião ou uma atitude. Permite que o investigador tenha um entrosamento singular com o campo, além dele fornecer dados, constrói-se cada vez mais refinamento das questões envolvidas na pesquisa. Também garante o contato com o vivido dos atores. Esta experiência vivida pede a interpretação dos atores e a do investigador no interior da pesquisa.

A volta a campo e o não contato por quase quatro anos, da parte do primeiro autor, fê-lo sentir-se estranho, o que ele assim descreve: “Inicialmente me senti bastante incomodado em abordar as pessoas presentes no pátio”. Esta sensação foi desaparecendo à medida de sua inserção: “Com o passar das semanas, fiquei mais à vontade para dialogar com elas e, sobretudo, reafirmar-me enquanto pesquisador”. De sua mudança de olhar e de sentimento dependia o sucesso do trabalho, ainda que a insegurança persistisse, na forma em que a descreve: “De todo modo, por estar no campo, autonomamente, carregava o temor de ter minha pesquisa desqualificada, sentimento que, creio, assalta tantos outros pesquisadores”.

O contato com as pessoas foi exigente por diferentes razões. Uma das exigências deveu-se à necessidade de quebrar barreiras pessoais. Também o uso do gravador se impôs como um grande desafio; em algumas situações ele suscitava desconfiança

e inibições, embora tenha sido assumido, ainda que sempre obedecendo à expressão ou não da aceitação para que se gravasse a entrevista.

Outra dificuldade foi acessar o público alvo com a profundidade necessária, no caso particularmente, das cuidadoras permanentes. A estada destas no pátio quase sempre se via marcada pela pressa. Com exceção de uma, quatro das entrevistadas presentes neste texto estavam no pátio do hospital em um momento de intervalo. Por outro lado, percebeu-se também que o pátio constituía um universo ocupado por acompanhantes permanentes ou temporárias e temporários, doentes, trabalhadores do hospital e outros. Contatá-los fez com que se desenvolvessem percepções complexas acerca do trabalho de quem se propõe a cuidar. Na sequência são tratados alguns aspectos das teorias do cuidado necessários às nossas indagações.

3 | FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS E ASPECTOS EMPÍRICOS PARA UMA INTELIGIBILIDADE DO ACOMPANHAMENTO-CUIDADO

No dia em que o primeiro autor conheceu Julia, ela parecia inquieta pelo tempo que esperara e pelo tempo que ainda teria que esperar pela sogra. A sogra estava fazendo sua primeira visita ao Erasto Gaertner, tendo sido encaminhada a este, depois do resultado de um teste de Papanicolau realizado em uma unidade básica de saúde. À medida em que ele se aproximou dela, pôde perguntar sobre o porquê do acompanhamento. Julia ofereceu uma justificativa baseada no status do hospital, o de hospital do câncer. Assim, acompanhar a sogra seria equivalente a enfrentar de forma conjunta uma adversidade, já que os estudos em um curso de técnico em enfermagem davam a ela algum tempo livre.

Julia não possuía uma experiência profunda com o cuidado da sogra. No entanto, chamou a atenção do pesquisador seu plano futuro de cuidar da mãe, portadora do vírus HIV.

Então, no curso mesmo, a gente[...]. Eu comecei esse ano, né?! Então faz três meses que eu tô fazendo o curso. É recente ainda. No curso a gente aprendeu sobre isso[...]. Que não é só o paciente que sofre. Quem cuida, né, quem fica ali também sofre. [...] É, assim, falando bem abertamente, né. A minha mãe, tipo, ela tem HIV, sabe? E eu penso assim: no futuro[...]. assim, claro, faz dezoito anos já. Ela tá bem, né, aparentemente. Mas eu penso assim: eu não tenho filho e nem quero ter. Porque eu penso assim: se um dia ela precisar de alguém, vai ser eu, sabe? Eu até quero que seja eu, sabe? Porque, assim, a minha irmã tem filho, o meu irmão é meio, tipo, é homem, entendeu? (Júlia, 28 anos, estudante de técnico em enfermagem).

A fala de Júlia revela escolhas de vida (fazer técnico em enfermagem) e renúncias (não ter filhos), em prol da provisão de um cuidado futuro à mãe. Ao mesmo tempo, enxerga no acúmulo de responsabilidades de outrem (irmã que cuida dos próprios filhos) um empecilho para o fornecimento de um cuidado adequado. Ademais, vê uma

incompatibilidade entre cuidado e o sujeito homem.

Não por acaso, a fala de Julia nos reporta à Carol Gilligan (1982), estudiosa, cuja obra *Uma Voz Diferente* apresenta as primeiras problematizações desnaturalizadoras da ética universalista, para introduzir nas teorias do desenvolvimento moral o valor dos conteúdos na tomada de decisões por mulheres em situações conflituosas.

Gilligan (1982) enfatiza que a teoria universalista do desenvolvimento moral não poderia ser usada como ferramenta explicativa da realidade de todas as pessoas. Seus princípios abstratos e imparciais não representavam de fato a propagada maturidade moral, que era considerada possível só para um sujeito masculino. Tampouco refletiam isoladamente uma ética da justiça. Considerar a voz diferente daquela da lei universal era contemplar outro tipo de moral, uma moral do cuidado que tem princípios concretos, voltados à interdependência e é baseada na manutenção das relações humanas, situação bastante clara no relato de Julia.

As teorias do cuidado se apoiaram na força crítica de sua transferência somente para as dinâmicas das decisões femininas e na ausência, na maior parte das situações, de problematização a respeito da falta de políticas públicas para superar as arbitrariedades das desigualdades no seu interior.

Em sua teoria, Tronto (1997, 2007) percebe o modelo dual de cuidado como normativo, ineficiente e também ideológico. Segundo ela, deve-se reconhecer que o cuidado não se restringe a uma relação entre cuidador e pessoa cuidada, somente. O cuidado está no centro da vida política, deve ser um valor democrático, envolvendo o máximo de pessoas, de forma que ninguém esteja fora desta responsabilidade e ninguém possa ser exaurido por ela. Assim, esta estudiosa reconhece que aqueles que provêm o cuidado também são vulneráveis e necessitados de cuidado; todos precisam ser cuidados. Tronto e Berenice Fisher (1990 apud TRONTO, 2007, p. 287) enxergam o cuidado enquanto algo que perpassa as relações domésticas e imediatas. Cuidar implica uma responsabilidade sistêmica, uma atitude de comprometimento com o meio e os seres vivos, que demanda a continuação, manutenção e reparação destes.

Outras estudiosas como Molinier (2012) e Parreñas (2012), chamam a atenção para a complexa teia que o cuidado envolve. Assim sendo, uma tarefa indireta (que não implique um contato face a face) que garanta o bem-estar de outrem, como fazer comida e limpar o espaço físico da casa, é um ato de cuidado assim como o cuidado que é prestado diretamente ou face a face (aqui, podemos mostrar, como exemplos, o dar comida ou o dar banho em alguém incapacitado de fazê-lo).

Ângelo Soares (2012) chama a atenção para as variações da prática do cuidado, ou seja, cuidar pede competências diferenciadas, de acordo com o contexto. É importante que o/a cuidador/a as adquira, para que não seja surpreendido/a por situações inusitadas. No contexto desta pesquisa, cuidar de alguém com câncer de mama e de alguém com leucemia impõe desafios, experiências e técnicas bastante distintas.

Os trabalhos de Arlie Hochschild (2012) sobre barrigas de aluguel indianas e de babás que migram de países periféricos para os de primeiro mundo e o de Parreñas (2012) sobre trabalhadoras filipinas na noite toquiana são exemplos de uma diversidade imensa de situações.

A partir destes apontamentos, pode-se reconhecer que o cuidado é uma peça basilar em nossas relações. Tanto “indivíduos independentes” quanto “indivíduos em situação de vulnerabilidade” estão circunscritos em uma rede complexa de cuidados. Não existe autossuficiência. O cuidado pode garantir bem-estar, mas pode igualmente desencadear a degradação, tanto para beneficiários quanto para quem cuida. Além do mais, as relações de cuidado revelam também desigualdades de gênero, étnico-raciais, de classe, entre outras. De nosso campo de pesquisa destacamos, a seguir, algumas interdependências nas práticas e nas narrativas que nos ajudam a pensar os conteúdos das experiências de cuidado vividas por mulheres acompanhantes de pacientes oncológicos.

4 | O CUIDADO CONFORME AS VIVÊNCIAS DE MULHERES ACOMPANHANTES

Tomamos os relatos de cinco acompanhantes/cuidadoras de doentes de câncer. São elas: Bárbara, Beatriz, Glauce, Nicole e Pâmela. Todas, exceto Glauce, estavam acompanhando pessoas muito próximas de seu convívio – esposo (Bárbara), pai (Beatriz), irmã (Nicole) e irmão (Pâmela). Glauce, diferentemente, estava acompanhando a sogra do filho pela primeira vez, e mostrou-se animada para prestar-lhe ajuda em outras ocasiões.

As entrevistas com Bárbara e Beatriz foram realizadas sem gravador. Quando o primeiro autor teve contato com Bárbara, ele ainda não havia começado a usar o dispositivo. Beatriz preferiu que a conversa não fosse gravada, mas aceitou que se fizesse anotações. As demais mulheres não se opuseram ao uso do gravador, depois de esclarecimentos a respeito das questões éticas implicadas.

Antes de elucidar pontos comuns e divergentes nas falas destas mulheres e, a partir de tais, tentar responder às questões propostas neste trabalho, faz-se importante discorrer sinteticamente acerca de suas vidas.

Bárbara é uma senhora que tinha 60 anos, católica, costureira e que cuidava do marido, doente de câncer na próstata. Ela contou que, devido à doença dele, trabalhava bem menos do que antes na costura e que precisou deixar de lado hábitos que lhe faziam bem, como ir ao centro para olhar vitrines, algo muito importante para uma costureira. No momento da entrevista tinha uma vida dedicada a proporcionar bem-estar ao marido.

Beatriz tinha 37 anos, era evangélica, estava fora do mercado de trabalho e acompanhava o pai, que estava com câncer no estômago, no momento da entrevista. Quando foi abordada, parecia chorosa. Com o desenrolar da conversa,

mostrou indignação pela falta de envolvimento, principalmente dos irmãos, com o pai. Os familiares delegavam-lhe o encargo de acompanhamento/cuidado, porque se encontrava em casa.

Glauce tinha 43 anos, era evangélica, trabalhava como diarista e empregada doméstica e estava acompanhando a sogra de seu filho pela primeira vez. Em sua conversa foi muito atenciosa, rica em detalhes e manifestou uma narrativa carregada de conteúdo religioso, marcado pela percepção de amor ao próximo.

Nicole tinha 50 anos, não tinha religião, trabalhava como agente educacional I (limpeza na escola) e também cuidava da irmã, que descobriu um carcinoma depois de sentir dores fortes no braço e no peito. A irmã de Nicole, apesar de ter casa própria, marido e filhos, no dia da entrevista morava com Nicole e sua família, pois em sua realidade original “se sentia limitada para ser cuidada” (palavras de Nicole). Nicole se expressava com desenvoltura, foi rica na apresentação de detalhes e a entrevista foi realizada, enquanto outros familiares estavam na parte de dentro do hospital, visitando a irmã.

Pâmela tinha 44 anos, era evangélica e deixou o mercado de trabalho para cuidar do irmão, que estava com câncer na garganta. Embora estivesse afastada do mercado de trabalho, sua vida era bastante agitada, pois tinha que dar conta sozinha de cuidar dos pais idosos, da filha, do neto e do irmão doente. Ela contou que, embora outras pessoas se ofereçam para acompanhar/cuidar, o irmão só quer que ela o faça. Seu irmão o faz porque não quer que a mãe de ambos sofra.

Essas mulheres relataram ter uma vida repleta de obrigações. Cuidar da casa, de familiares doentes, dos filhos, dos netos, dos pais e trabalhar fora, dentre outras. Os discursos de Bárbara e Beatriz são carregados dos aspectos difíceis do cuidado, ou seja, retratam quão desafiadora é a tarefa de acompanhar/cuidar e os impactos que esta exerce sobre suas vidas. Glauce, Nicole e Pâmela enxergam o acompanhamento/cuidado como uma atividade gratificante, que tem lhes proporcionado crescimento pessoal. A respeito disso, Glauce afirma:

Olha, eu vou te falar uma pura verdade. Hoje em dia, no país que nós estamos, a gente tá aqui é pra ajudar qualquer um, sabe?! Seja ele qual ele for: estranho, velho, novo, criança... Você tá bom de saúde, você tem que ajudar o próximo. Então eu gosto de ajudar as pessoas. Deixei de trabalhar hoje pra vir aqui. (...) Porque a saúde é mais importante que o dinheiro. O dinheiro não compra a saúde e nem a felicidade. Então por isso que eu fiz isso. E não me arrependo, sabe? E falei: se precisar ficar à noite, eu fico à noite, sabe... Porque além dela ser sogra do meu filho, eu sei que ela tem duas filhas e as duas filhas trabalham, né. Então daí sempre tá trocando de gente aqui. Mas como não tinha ninguém pra vir, eu vim hoje fazer a minha caridade, que Ele mandou eu fazer, sabe? Porque amanhã eu não sei, posso precisar. Ou você pode precisar de mim ou eu precisar de você. De repente a gente se topa por aí, né? Então a gente tem que ajudar o próximo. (Glauce, 43 anos, diarista e empregada doméstica).

É curioso constatar que, nos relatos de Bárbara, Beatriz, Glauce e Nicole, a impossibilidade de outros indivíduos assumirem o acompanhamento/cuidado está

associada ao vínculo destes com o mercado de trabalho. Glauce, embora também fosse uma trabalhadora, viu nos compromissos de trabalho de seus afins uma genuína impossibilidade. Já Beatriz e Nicole percebiam a urgência do próprio trabalho, em detrimento do auxílio a outrem como problemática. Quando perguntada sobre se teria alguém para auxiliá-la no acompanhamento/cuidado, Nicole enfatizou...

Como eu falei pra você, não temos tempo, fica difícil, porque “eu tenho que isso, eu tenho que aquilo”. Eles não se disponibilizam. E quem até tenta, digamos que, não tenta, assim, tão a fundo, realmente. É mais nessas horas, assim, de internação que parece que cai a ficha, sabe como? Aquele egoisminho que a gente tem, né? Que eu sou mais importante, eu tenho outras prioridades. Não é que não a amem. Na realidade, eu acho que isso é uma falha até mesmo, um pouco, de educação, não digo só de mãe, pai, mas da pessoa, é, abrir os olhos para a vida de uma maneira diferente, né? (Nicole, 50 anos, agente educacional I).

Beatriz discordava do argumento utilizado pelos irmãos de que seria sua obrigação cuidar do pai, já que ela estava desempregada, portanto ociosa. Segundo Beatriz, o cuidado da casa e dos filhos, principalmente da filhinha pequena, também eram responsabilidades onerosas. Ela se incomodava de ter que fazer o acompanhamento/cuidado e não conseguir chegar em casa a tempo de ver a filhinha acordada. Todas as tentativas que empreendera para cobrar um maior comprometimento dos irmãos haviam sido frustradas. Como não conseguia resolver nada pacificamente, recorria às brigas e aos xingamentos, métodos que também não resolviam sua situação. Beatriz cria que as muitas desculpas dadas por seus afins para não acompanharem/cuidarem de seu pai deviam deixá-lo triste, pois assim ele se sentiria preterido.

Tanto Beatriz quanto Pâmela chamaram a atenção para a falta de descanso, mesmo tendo que enfrentar dias desafiadores. Apesar do cansaço, o que mais incomodava Nicole, por exemplo, era a situação do irmão, que implicava em que ela se ausentasse do lar.

Não durmo. Que nem essa noite mesmo eu dormi pouco. Dormi acho que umas três horas só. Eu não durmo, eu tenho insônia, eu tenho insônia, eu não durmo. [...] Eu tô exausta aqui, mas eu vou chegar em casa, tomar um banho e não vou dormir, porque eu sei que ele tá aqui. Fica um buraco naquele quarto. Não tem como, a casa tá vazia. Isso é amor demais, né? (Pâmela, 44 anos, acompanhante/cuidadora do irmão).

Além de Pâmela, Nicole também parecia nutrir uma grande consideração pela irmã. Disse que, depois dos filhos, a pessoa cuidada era a mais importante de sua vida. Para essas acompanhantes/cuidadoras, cuidar não era a parte mais difícil. As dificuldades e o sofrimento que sentiam estavam atrelados às dificuldades e ao sofrimento dos entes cuidados.

As atividades de cuidado, para além do acompanhamento, faziam-se evidentes no dar um medicamento, no fazer comida, no ir a um lugar que a pessoa doente gostava, no higienizar quem recebia cuidado, entre outros. Nicole afirmou que, entre

suas medidas de cuidado, concedia à irmã “pequenos prazeres” e, principalmente, dedicava-se a ouvi-la.

A principal é ter tempo para ouvi-la. Essa é a principal, que a gente mais faz. [...] É que, assim, ela já tem também histórico de depressão, entendeu? Aqui tem um atendimento muito bom também que ela também faz. Então a principal é essa. Em segundo lugar, proporcionar os pequenos prazeres que ela não tinha acesso, que pra ela é importante. [...] Fomos ao Jardim Zoológico, fomos ao Jardim Botânico, Parque Barigui, coisas assim... Viajamos pra rever parentes que não se via desde a infância. Essas coisas assim. Mas o mais básico mesmo é esse. (Nicole, 50 anos, agente educacional I).

Beatriz foi a única que percebeu como constrangedora uma situação que vivera na experiência de cuidar do pai. Dar-lhe banho foi uma tarefa embaraçosa, pois teve que ver o pai nu. Além disso, ele era muito pesado, portanto devia ser higienizado por um homem, não por ela. Perguntada se gostaria de ser ajudada por agentes de outras esferas, ela respondeu negativamente, afirmando que uma melhor organização da família seria a solução ideal. Ainda quando ressaltava as dificuldades, achava-se a pessoa mais indicada para prestar cuidados. Os aspectos ressaltados por esta narrativa nos reportam ao analisado por Soares (2012), quando afirma que a prática do cuidado envolve as dimensões: cognitiva, emocional, física, relacional e sexual.

Na primeira, é esperado que quem cuida saiba como prestar cuidados adequadamente. Na segunda, a pessoa que oferece cuidado deve saber gerenciar suas emoções, conforme a situação. Na terceira, que tenha força para lidar com o corpo do outro cuidado. Na antepenúltima, deve apropriar-se da capacidade de viver bem, de atenuar conflitos, de relevar as necessidades de quem recebe o cuidado. Por fim, o trabalho de cuidado delineia uma dimensão sexual, sendo esta percebida no toque ao corpo do outro, de suas excreções, de sua intimidade. Deve-se reconhecer que estas se encontram fortemente entrecruzadas.

Tornando ao relato de Beatriz, enfatiza que sua irmã mais velha é muito ranzinza, enquanto que sua irmã mais nova deixa o pai fazer tudo o que quer. Ela, diferentemente, seria a junção dos dois mundos. No processo de amparo ao pai, o marido de Beatriz a tem incentivado bastante. “Você faz de coração”, “Deus vai te recompensar”, “você está fazendo a sua parte” e “estamos ajudando e não sendo ajudados” têm sido algumas das expressões lenitivas usadas por ele para confortá-la.

Beatriz encarava a visitação ao hospital como uma experiência triste. Acompanhantes/cuidadoras como Glauce e Nicole também, mas ainda assim assinalavam o caráter despertador desta, em uma realidade de preocupações que se expressam em frases como: “Se eu pudesse botar a mão na pessoa e curar ela, com a força de Deus, eu faria isso, sabe? Porque é muito triste cê ver a pessoa ali, sabe? Por mais que você ajude, cê dê alegria, mas não é aquilo que você quer”. (Glauce, 43 anos, diarista e empregada doméstica).

De acordo com Nicole, o Hospital Erasto Gaertner oferece assistência psicológica

para o doente de câncer e também para a família. Mas estas mulheres não recebiam nenhum tipo de assistência (seja ela psicológica, prática ou material), para melhor executarem suas funções. No que diz respeito à ajuda material por parte do governo, Pâmela relatou que tentou conseguir desconto para o ônibus e não conseguiu.

Em resumo, todas as mulheres, que vivenciavam o acompanhamento/cuidado mais profundamente (Bárbara, Beatriz, Nicole e Pâmela), a relataram como uma tarefa desafiadora. Bárbara, Beatriz, Glauce, Nicole e Pâmela atribuíram seus desdobramentos ao amor ou à consideração que nutriam pela pessoa cuidada ou por outras próximas a ela. Nicole foi a única que usou expressões como “adoro”, “amo” e “privilégio”, para definir a experiência de cuidar do irmão. Bárbara e Beatriz, todavia, lançaram luz sobre as restrições que a prática do acompanhamento/cuidado manifestava sobre suas vidas.

Glauce e Nicole mostraram que o envolvimento com seus familiares doentes lhes produzia o sentimento de utilidade e possibilitava-lhes reorganizar suas percepções de mundo. O contato com outros casos dentro do hospital foram apontados por Beatriz, Glauce e Nicole como responsáveis para que vissem a vida de outra forma.

5 | CONCLUSÃO

O cuidado é imprescindível para a consolidação de nossas relações. Do conteúdo das narrativas observa-se o que Tronto (1997) analisa, seja que o cuidar possui dimensões morais, exigências enormes voltadas à capacidade de atenção, a autoridade de quem faz e gera desafios à autonomia das cuidadoras. A autoridade e a autonomia trazem à tona as desigualdades sob as quais estão fixadas a relação entre cuidado e cuidador/a e a falta de sua politização. Sua provisão é relegada a grupos socio-historicamente fragilizados. Constitui um desafio para aqueles que o prestam e também para os seus beneficiários.

Nesta pesquisa, o cuidado de pessoas em situação de câncer é percebido como tarefa difícil pela maioria mulheres entrevistadas, mais especificamente por quatro delas (Bárbara, Beatriz, Nicole e Pâmela). Sua execução implica sobrecarga, reorganização da rotina e aprendizagem de técnicas não tão bem vistas por todas. Percebe-se que, em algumas situações, estas mulheres tomam a experiência do acompanhamento/cuidado como propiciadora de uma nova percepção de si, do cuidado e dos outros. Assim, se veem enquanto pessoas úteis e capazes de prestar ajuda a alguém vulnerável, apesar das dificuldades que enfrentam.

O vínculo sentimental com as pessoas doentes ou ainda a impossibilidade de outros se comprometerem com a prática do acompanhamento/cuidado são alguns dos motores que regem a atuação destas mulheres. Conforme seus relatos, nesse processo, elas têm acesso diminuto ou inexistente à assistência psicológica, prática ou material, para uma melhor execução de suas tarefas. Em suma, a sobrecarga à

que são submetidas é naturalizada, algo que contribui para a inviabilidade de uma distribuição democrática, equitativa e humana do cuidado.

REFERÊNCIAS

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-153.

GILLIGAN, Carol. **Uma Voz Diferente: Psicologia da Diferença entre Homens e Mulheres, da Infância à Idade Adulta**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1982.

HOCHSCHILD, Arlie. Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel. In: HIRATA, Helena S.; GUIMARÃES, Nadya A. (Orgas). **Cuidado e cuidadoras: As várias faces do trabalho do care**, 2012. pp. 185-200.

MOLINIER, Pascale. Ética e trabalho do care. In: HIRATA, Helena S.; GUIMARÃES, Nadya A. (Orgas). **Cuidado e cuidadores: As várias faces do trabalho do care**, 2012, pp. 29-43.

PARREÑAS, Rachel Salazar. O trabalho de *care* das acompanhantes. Imigrantes filipinas em Tóquio. In: HIRATA, Helena S.; GUIMARÃES, Nadya A. (Orgas). **Cuidado e cuidadores: As várias faces do trabalho do care**, 2012, pp. 201-215.

SILVA, Eduardo da. **Doença coletiva, tramas relacionais e subjetividade**. 2015. 60 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Coordenação do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2015/08/Monografia-Eduardo-da-Silva.pdf>>. Acesso em: 29 Abr. 2018.

SOARES, Ângelo. As emoções do *care*. In: HIRATA, Helena S.; GUIMARÃES, Nadya A. (Orgas). **Cuidado e Cuidadoras: As várias faces do Trabalho do Care**, 2012. pp. 44-59.

TRONTO, Joan. Assistência Democrática e Democracias Assistenciais. **Soc. estado.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, Ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922007000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Out. 2017.

TRONTO, Joan C. Mulheres e Cuidados: O Que as Feministas Podem Aprender Sobre a Moralidade a Partir Disso? In: BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alisson M. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos. 1997. pp. 186- 203.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

